



CORONEL EWERTON

Oficial de Ligação junto ao Centro de Armas Combinadas do Exército dos EUA.

O P E R A Ç Õ E S MULTIDOMÍNIO – O NOVO CONCEITO OPERACIONAL DO EXÉRCITO DOS EUA

O conceito de operações multidomínio está em desenvolvimento desde 2017, quando o governo dos Estados Unidos da América (EUA) optou por iniciar um vigoroso processo de modernização de seu Exército. Documentos, como o *TRADOC Pamphlet 525-3-1, The U.S. Army in Multi-Domain Operations e Multi-Domain Battle: Evolution of Combined Arms for the 21st Century*, serviram de base para impulsionar as mudanças almejadas por essa força armada. O ponto crucial foi a divulgação, em outubro de 2022, do novo manual de operações FM 3-0, representando assim um marco doutrinário que define as operações multidomínio, bem como outros aspectos da modernização do Exército dos Estados Unidos da América (EEUA).

Os EUA consideram que seus adversários estudaram de perto sua doutrina de emprego nas operações *Desert Storm*, *Iraqi Freedom* e *Enduring Freedom* e que conhecem bem o modo norte-americano de combater, como a ênfase nas operações conjuntas e combinadas; a valorização do domínio tecnológico; a projeção de poder global; a manobra estratégica, operacional e tática; os fogos conjuntos eficazes; a sustentação em escala e a iniciativa decorrente do processo de liderança conhecido como *Mission Command* (Comando de Missão).

Ao mesmo tempo, os norte-americanos reconhecem que as tecnologias emergentes, como inteligência artificial, a tecnologia hipersônica, a nanotecnologia e a robótica, estão impulsionando uma mudança fundamental no caráter da guerra. À medida

que essas tecnologias amadurecem e suas aplicações militares se tornam mais claras, seus impactos têm o potencial de revolucionar os campos de batalha de maneira diferente de tudo desde a integração de metralhadoras – carros de combate – aviação, que trouxe consigo o emprego das armas combinadas.

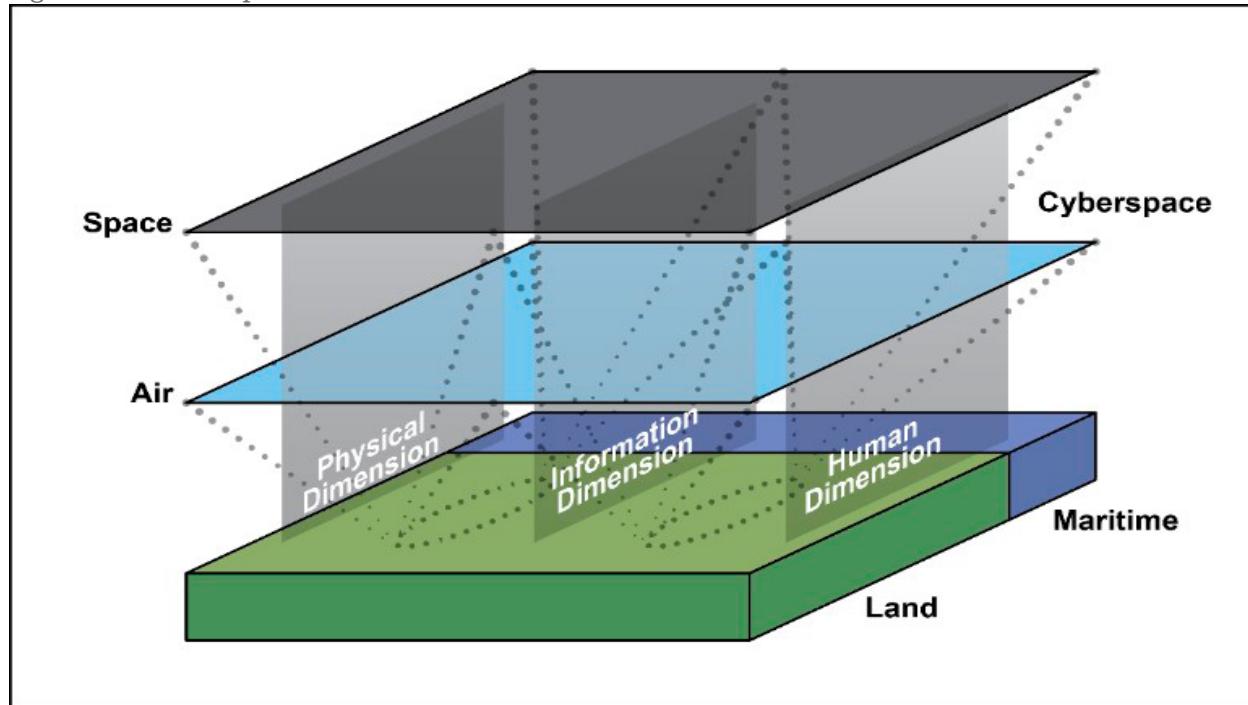
Seus concorrentes estratégicos, segundo eles, a Rússia e a China, estão integrando essas tecnologias emergentes em suas doutrinas e operações militares. Ademais, esses países estão implantando recursos para se contrapor aos EUA por meio de várias camadas de impasse/negação (*Layers ou Stand-off*) em todos os 5 domínios – espacial, cibernético, aéreo, marítimo e terrestre. O problema militar que se apresenta aos EUA é enfrentar e se sobrepor ao inimigo nas diversas camadas de impasse/negação criadas, em todos os domínios, para manter a sinergia e o efeito de suas operações.

Para tanto, o modo de guerra norte-americano tem procurado evoluir e se adaptar. A divulgação, pelo Exército dos EUA, do conceito das *Multi-Domain Operations – MDO* (operações multidomínio), 2028, é o primeiro passo nesse processo de transformação e evolução doutrinária. Dessa forma, esse *Army Operating Concept* (Conceito Operacional do Exército) é o direcionamento que baliza e descreve como as forças do Exército dos EUA, como parte da Força Conjunta, irão competir militarmente, penetrar, desintegrar e aproveitar o êxito em face aos seus adversários no futuro.

Em decorrência da adoção desse novo conceito, tem sido conduzida pelo Exército dos EUA uma criteriosa análise e revisão de toda a sua doutrina, de forma que seja construído um entendimento de como irá dotar a força conjunta das capacidades requeridas para que vençam no futuro campo de batalha.

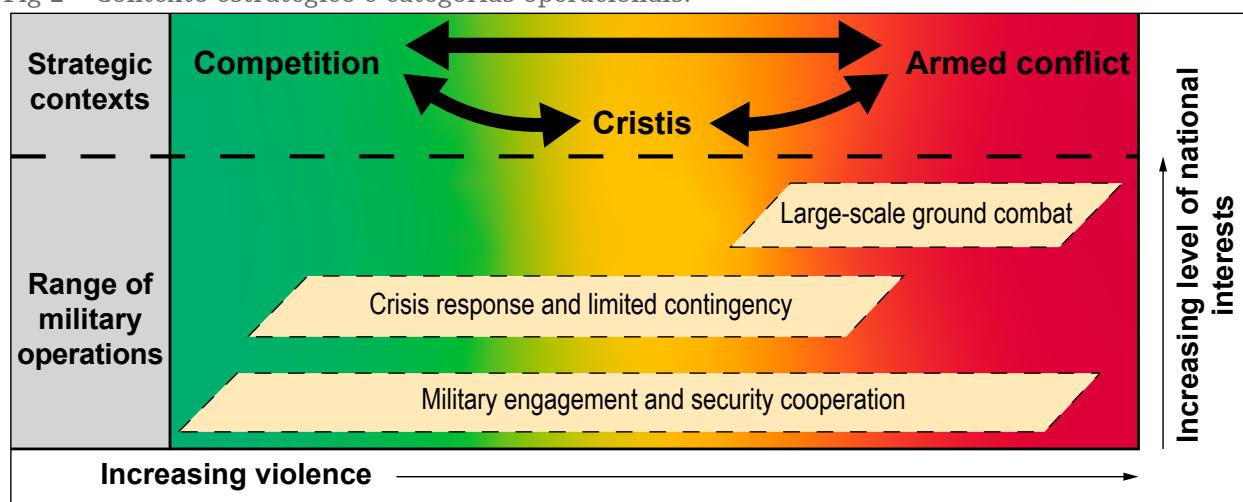
O Exército dos EUA definiu, a partir de sua evolução doutrinária, a situação estratégica em três contextos: competição abaixo do conflito armado, crise e conflito armado. Cada um desses contextos implica em diferentes posturas e tarefas que o EEUA irá realizar, além de enfatizar a importância de consolidar ganhos de forma contínua, durante a competição, crise e conflito armado.

Fig 1 – Ambiente operacional.



Fonte: FM 3-0 2022

Fig 2 – Contexto estratégico e categorias operacionais.



Fonte: FM 3-0 2022

ENTENDENDO O PROBLEMA

a. Ambiente operacional futuro

Quatro tendências inter-relacionadas estão moldando a competição e o conflito: os adversários dos EUA estão atuando eficazmente em todos os domínios, no espectro eletromagnético e no ambiente informacional, e a superioridade dos EUA não é garantida; exércitos menores combatem em um campo de batalha expandido que é cada vez mais letal e hiperativo [1]; os Estados-Nação têm mais dificuldade em impor sua vontade dentro de

um ambiente politicamente, culturalmente, tecnologicamente e estrategicamente complexo; ademais Estados capazes de fazer frente ao poderio norte-americano competem mais eficazmente abaixo do conflito armado, tornando a dissuasão mais desafiadora.

Taxas de urbanização dramaticamente crescentes e a importância estratégica das cidades também garantem que as operações ocorram em terrenos urbanos densos. Adversários, como China e Rússia, alavancaram essas tendências para expandir

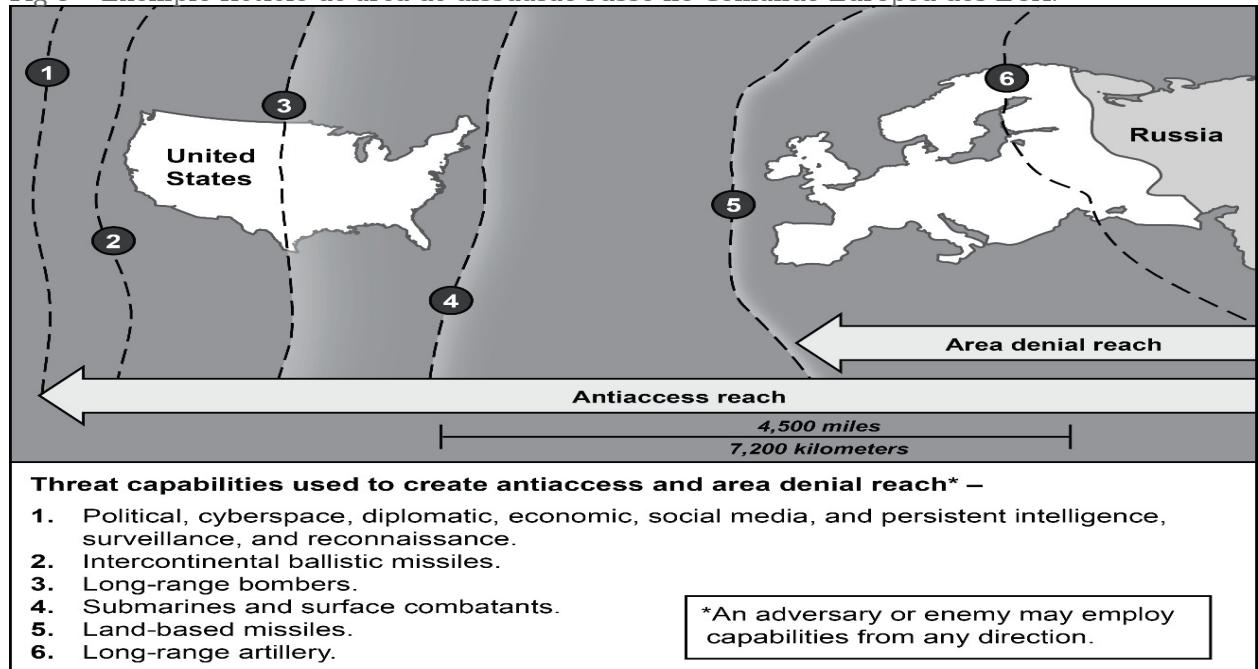
o campo de batalha no tempo (não é clara a distinção entre paz e guerra), nos domínios (espaço e ciberespaço) e na geografia (agora estendida à Área de Apoio Estratégico, incluindo o território americano) para criar um *Stand-off* [2] (impasse/negação) tático, operacional e estratégico. De fato, Rússia e China são exércitos diferentes com capacidades distintas, mas avaliados como capazes de operar de maneira suficientemente semelhante.

b. China e Rússia na competição

Em um estado de competição contínua, China e Rússia, segundo a visão estadunidense, exploram as condições do ambiente operacional para atingir seus objetivos sem recorrer a conflitos armados, buscando minar as alianças, parcerias e resoluções dos EUA. Assim, tentam criar um *Stand-Off* por meio da integração de ações diplomáticas e econômicas, guerra não convencional e de informação (mídias sociais, narrativas falsas, ataques cibernéticos) e o emprego real ou ameaçado de forças convencionais. Ao criar instabilidade dentro de países e alianças, China e Rússia criam a separação política que resulta em ambiguidade estratégica, reduzindo a velocidade de entendimento da situação, decisão e reação por parte dos países e/ou regiões afetadas. Por meio dessas ações competitivas, esses países acreditam que podem atingir seus objetivos atuando abaixo do limiar do conflito armado.

c. China e Rússia no conflito armado

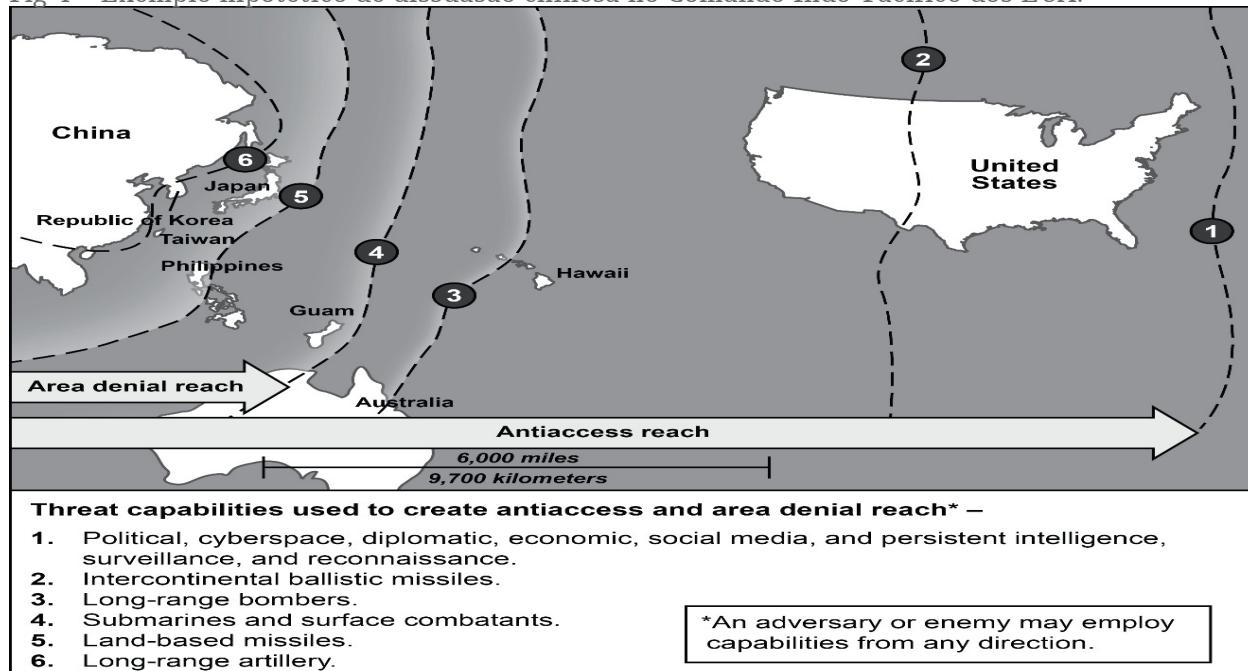
Fig 3 – Exemplo fictício de área de dissuasão russo no Comando Europeu dos EUA.



Nos conflitos armados, a China e a Rússia procuram alcançar um impasse físico empregando camadas de sistemas antiacesso [3] e de negação de área [4], projetados para infligir rapidamente perdas inaceitáveis aos EUA e às forças militares aliadas e alcançar os objetivos da campanha em poucos dias, mais rápido do que os EUA possam efetivamente responder. Ao longo dos últimos 25 anos, a China e a Rússia investiram e desenvolveram uma abordagem sistemática para “desconectar” e “quebrar a sincronia” da batalha aeroterrestre, opondo-se ao emprego, cada vez mais previsível, da Força Conjunta baseado no emprego faseado e coordenado entre os domínios.

Os sistemas antiacesso e de negação de área criam um impasse estratégico e operacional, por meio da separação dos elementos da Força Conjunta no tempo, espaço e função. Além disso, a China e a Rússia continuam a melhorar esses sistemas e estão proliferando as tecnologias e técnicas associadas para outros estados. A Força Conjunta americana, segundo sua visão, não acompanhou esses desenvolvimentos. Ela ainda é projetada para operações em ambientes relativamente incontestados que permitem campanhas sequenciais, baseadas em abordagens previsíveis, e que assumem supremacia aérea e naval: preparação (shaping) extensiva com ataques aéreos e navais antes da destruição final das forças inimigas, severamente degradadas, por meio de operações conjuntas de armas combinadas.

Fig 4 – Exemplo hipotético de dissuasão chinesa no Comando Indo-Pacífico dos EUA.



Fonte: FM 3-0 2022

CONDUÇÃO DE OPERAÇÕES MULTIDOMÍNIO

a. Ideia central

As Forças Terrestres, como elemento da Força Conjunta, conduzem operações multidomínio para prevalecer na competição, assim, quando necessário, penetram e desintegram [5] os sistemas inimigos de antiacesso e de negação de área, bem como exploram a liberdade de manobra resultante para alcançar objetivos estratégicos (vencer) e forçar um retorno à competição em termos favoráveis.

b. Princípios das operações multidomínio

O Exército dos EUA superará os problemas apresentados pelas operações chinesas e russas, tanto nos períodos de competição quanto nos de conflito, aplicando três princípios inter-relacionados: a postura de força calibrada (*Calibrated Force Posture*), as formações multidomínio (*Multi-Domain Formations*) e a convergência (*Convergence*). A postura de força calibrada é o desdobramento da capacidade de manobra (subentenda-se forças) em diferentes distâncias estratégicas. As formações multidomínio são estruturas que possuem as capacidades e a resiliência necessárias para operar ao longo dos vários domínios, em espaços contestados, e contra um adversário

que possua capacidades semelhantes (*Near-Peer*). A convergência é a integração rápida e contínua de recursos em todos os domínios, no espectro eletromagnético e no ambiente informacional, que otimiza os efeitos para superar o inimigo por meio de sinergia entre domínios e de várias formas de ataque, dentro das janelas de oportunidade criadas pelo processo de Comando de Missão (*Mission Command*) e pela Iniciativa Disciplinada (*Disciplinated Initiative*). Os três princípios da solução se reforçam mutuamente e são comuns a todas as operações multidomínio, embora a forma como são realizadas varie de acordo com o escalão e dependa da situação operacional específica.

c. Operações multidomínio e os objetivos estratégicos

A Força Conjunta deve derrotar os adversários e alcançar objetivos estratégicos na competição no conflito armado e no retorno à competição. Na competição, a Força Conjunta expande o espaço competitivo [6] por meio de engajamento ativo para combater a coação, a guerra não convencional e guerra de informação dirigida contra parceiros estratégicos. Essas ações impedem a escalada da crise e a aplicação, pelos inimigos, da estratégia de “vencer sem lutar” ao mesmo tempo em que possibilita

uma rápida transição para o conflito armado. No conflito armado, a Força Conjunta derrota o agressor otimizando os efeitos de vários domínios em espaços decisivos para penetrar nos sistemas estratégicos e operacionais de antiacesso e de negação de área do inimigo, desintegrar os componentes do sistema militar do inimigo e explorar a liberdade de manobra necessários para atingir objetivos estratégicos e operacionais que criem as condições favoráveis a um resultado político favorável. No retorno à competição, a Força Conjunta consolida os ganhos e desencoraja novos conflitos para permitir a regeneração

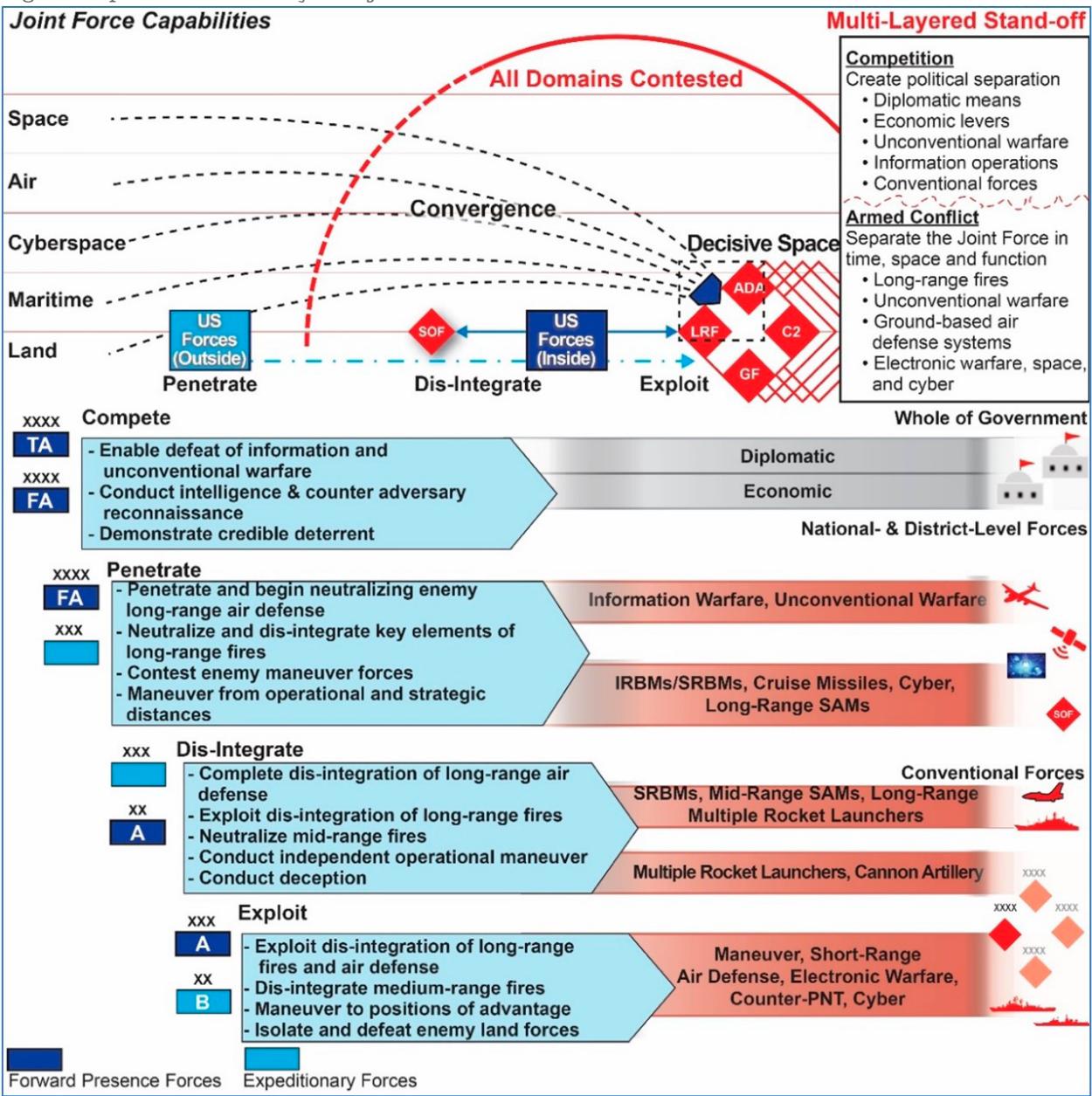
de forças e o restabelecimento de uma ordem de segurança regional alinhada aos objetivos estratégicos dos EUA.

d. Problemas e soluções no Multidomínio

Para atingir esses objetivos estratégicos, a Força Terrestre – como parte da Força Conjunta e com os aliados – deve ser capaz de resolver cinco problemas operacionais:

(1) Como a Força Conjunta compete para impedir as operações de um adversário para desestabilizar a região, impedir a escalada da violência e, caso a violência aumente, permitir uma rápida transição para o conflito armado?

Fig 5 – Capacidades da Força Conjunta.



Fonte: TRADOC Pamphlet 525-3-1 2018

No passado, as forças armadas dos EUA – devido a razões culturais, legais e políticas – muitas vezes permaneceram reativas durante a competição realizada abaixo do nível conflito armado. A competição, para ser bem-sucedida, exige que as forças do Exército se envolvam ativamente em todos os domínios, incluindo espaço e ciberespaço, no espaço eletromagnético e no ambiente informacional. A Força Terrestre possibilita que a Força Conjunta e as demais agências obtenham e sustentem a iniciativa na competição, dissuadindo o conflito em termos favoráveis aos EUA, anulando os esforços do adversário para expandir o espaço competitivo abaixo do limiar do conflito e estabelecendo as condições para permitir à Força Conjunta rápida transição para o conflito armado.

O desdobramento, as capacidades disponíveis, incluindo a autoridade necessária a seu emprego e a prontidão para executar as operações multidomínio impedem a escalada pelos adversários, combatem sua guerra não convencional e de informações, minam seus esforços para coagir os parceiros dos EUA com a ameaça de conflito armado e estabelecem as condições favoráveis para o caso de escalada ao conflito armado. Negar ou restringir o apoio fornecido pelas forças convencionais do adversário à procuradores permite que os parceiros dos EUA combatam mais facilmente as tentativas de desestabilizar seus países. A capacidade demonstrada de prevalecer nos conflitos armados contraria as narrativas de adversários que retratam os EUA como um parceiro fraco ou indeciso. Essas ações se combinam para criar um ambiente favorável para a rápida transição da Força Conjunta para o conflito armado.

(2) Como a Força Conjunta penetra nos sistemas inimigos de antiacesso e de negação de área em toda a profundidade das Áreas de Apoio para permitir as manobras estratégicas e operacionais?

No caso de conflito armado, a Força Terrestre penetra imediatamente nos sistemas inimigos de antiacesso e de negação de área, neutralizando os sistemas inimigos de longo alcance, engajando as forças de manobra inimigas e manobrando a partir de distâncias estratégicas e operacionais. As formações multidomínio entregam à Força Conjunta e aliados as capacidades requeridas para atacar rapidamente os sistemas de longo

alcance do inimigo. As forças avançadas em presença reagem imediatamente a um ataque inimigo nos vários domínios e, também, preservam as linhas de comunicação, degradando os sistemas de vigilância e de reconhecimento de longo alcance do inimigo e empregando uma mistura de dissimulação, dispersão e proteção. O equilíbrio adequado de capacidades, modeladas estrategicamente em toda a Força, possibilita forças avançadas em presença, coesas e totalmente capazes, e forças expedicionárias capazes de desdobrar dentro de períodos estrategicamente relevantes.

(3) Como a Força Conjunta desintegra os sistemas inimigos de antiacesso e de negação de área nas Áreas Profundas, para permitir as manobras operacionais e táticas?

A Força Conjunta deve desintegrar os sistemas antiacesso e de negação de área do inimigo para diminuir a capacidade de resistência do inimigo, impedir a reintegração das capacidades restantes e permitir a liberdade de manobra. A Força Terrestre, devidamente escalonada, emprega fogos multidomínios para derrotar os sistemas de longo alcance do inimigo e iniciar a neutralização dos sistemas inimigos de médio alcance. A convergência otimiza o emprego de recursos em todos os domínios, no espaço eletromagnético e no ambiente informacional para provocar, localizar e atacar o inimigo. A convergência também dificulta as tentativas do inimigo em ocultar e defender seus sistemas de longo e médio alcance, fornecendo à Força Conjunta várias opções para atacar as vulnerabilidades do inimigo. Forças de manobra conjuntas, a Força Terrestre e as aliadas executam manobras operacionais e de dissimulação para provocar/estimular ainda mais os sistemas inimigos de médio alcance e também para fixar ou isolar as forças de manobra inimigas.

(4) Como a Força Conjunta explora a liberdade de manobra resultante para alcançar objetivos operacionais e estratégicos por meio da derrota do inimigo nas áreas de manobra aproximada e profunda?

Nas áreas de manobras aproximadas e profundas, a Força Terrestre explora as fraquezas do sistema de comando do inimigo e sua dependência da defesa aérea e dos fogos terrestres para completar a derrota do inimigo. A Força Terrestre emprega a dissimulação e a convergência multidomínio para deslocar a defesa inimiga, isolando física, virtualmente e

cognitivamente seus elementos subordinados, permitindo que as forças amigas atinjam poder de combate local favoráveis. A Força Conjunta continua desintegrando sistemas táticos de antiacesso e de negação de área para permitir uma maior exploração até atingir os objetivos da campanha dos EUA.

(5) Como a Força Conjunta volta a competir para consolidar ganhos e produzir resultados sustentáveis, estabelecer condições para dissuasão de longo prazo e se adaptar ao novo ambiente de segurança?

A Força Terrestre consolida ganhos e estabelece condições para um novo ambiente de segurança favorável mantendo o controle do terreno e populações-chave que proporcionam aos formuladores de políticas dos EUA uma vantagem política. Eles consolidam os ganhos por meio de três atividades simultâneas: proteção física do terreno e das populações para resultados sustentáveis; estabelecimento de condições para dissuasão de longo prazo, recuperação das capacidades da Forças Conjuntas e dos aliados e engajamento ativo em todos os domínios e no espaço de informação; e adaptação da postura da força ao novo ambiente de segurança. Isso proporciona tempo para as forças dos EUA regenerarem as estruturas militares regionais e continuarem a fornecer uma dissuasão efetiva.

IMPLICAÇÕES PARA O EXÉRCITO AMERICANO

a. Necessidade de ampliação e melhoria da manobra de armas combinadas

O ambiente operacional emergente e os desafios colocados pela China e pela Rússia, particularmente sua capacidade de criar impasses políticos e militares, exigem que a Força Conjunta aplique os já comprovados princípios da manobra de armas combinadas e da concentração de efeitos em espaços decisivos. O que difere é a ideia de que as Forças Terrestres devem aplicar essas capacidades conjuntas de forma mais abrangente (antecipadamente, com capacidades aumentadas e em escalões mais baixos) e de novas maneiras (mais rápido e com maior agilidade). As formações multidomínios fornecem à Força Conjunta meios adicionais para provocar, localizar e atacar os principais elementos e vulnerabilidades dos sistemas inimigos. A Força Terrestre continua a realizar as tarefas tradicionais de conquistar o terreno, destruir forças inimigas e proteger populações

amigas. As Forças Terrestres também mantêm a capacidade de vencer o inimigo, apesar da capacidade reduzida de seus aliados, convergindo capacidades de todos os domínios, do espectro eletromagnético e do ambiente informacional.

b. Operar em escalão

A Força Terrestre executa operações multidomínio com formações escalonadas que conduzem atividades de inteligência, manobra [7] e ataque em todos os cinco domínios (aéreo, terrestre, marítimo, espacial e cibernético), bem como no ambiente informacional e no espectro eletromagnético. A possibilidade das estruturas da Força Terrestre em convergir as capacidades, de várias maneiras e combinações, fornecem ao Comandante da Força Conjunta opções para impor uma complexidade adicional ao inimigo. O escalonamento de forças evita o isolamento de forças posicionadas mais à frente, dentro do alcance dos sistemas inimigos de antiacesso e de negação de área no início de um conflito, e permite manobras estratégicas e operacionais pelas forças que estão fora do alcance dos sistemas antiacesso e de negação de área. A manobra em escalão pela Força Terrestre pode permitir que a Força Conjunta sobreponha os sistemas militares chineses e russos com múltiplos dilemas e efeitos, criando janelas de superioridade que permitirão a liberdade de manobra.

c. Convergência de capacidades entre domínios

A convergência tem duas vantagens sobre as alternativas de domínio único: a sinergia entre domínios possibilita a superação em termos de poder de combate e as várias formas de ataque criam opções em camadas nos diversos domínios, de forma a possibilitar as operações das forças amigas e impor a complexidade ao inimigo. A possibilidade de convergir capacidades entre domínios permite que a Força Conjunta provoque, identifique e ataque as vulnerabilidades dos sistemas chineses e russos e derrote seus esforços para a criação dos *Stand-off*. [8] Atualmente, a Força Conjunta converge capacidades por meio da sincronização episódica de domínios – soluções isoladas – mas terá que conduzir a integração contínua e rápida de recursos de vários domínios disponíveis, por meio do Comando de Missão e da iniciativa disciplinada contra as ameaças equivalentes em um futuro próximo.

d. Maximizar o potencial humano

O Exército cria e mantém estruturas multidomínios por meio da seleção, treinamento e educação de seus comandantes, soldados e equipes. O emprego de capacidades multidomínios exige que o Exército atraia, retenha e empregue comandantes e soldados que, coletivamente, possuam uma amplitude e profundidade significativas de conhecimentos técnicos e profissionais. O Exército tem a intenção de exercer uma gestão cuidadosa de talentos para aproveitar ao máximo esse pessoal de alta qualidade e integrá-los em equipes confiáveis de profissionais capazes de prosperar na ambiguidade e no caos. Melhorar a resiliência de comandantes e soldados – a capacidade mais valiosa do Exército – requer que sejam instruídos, treinados, equipados e apoiados na execução das operações multidomínio em toda a sua intensidade, rigor e complexidade.

e. Conjuntos de capacidades requeridas para a Força Terrestre

O conceito de operações de multidomínio exige que o Exército desenvolva ou melhore as capacidades para contribuir com opções de multidomínio, integrando a Força Conjunta:

1) Calibragem da postura da força, geograficamente e em todos os Comandos, para derrotar as operações ofensivas chinesas e russas, na competição, e impedir a escalada para o conflito armado.[9]

2) Preparação do ambiente operacional, construindo capacidades e interoperabilidade junto aos aliados e estabelecendo o teatro de operações, por meio de atividades como o estabelecimento de bases e de acesso, o pré-posicionamento de suprimentos, a realização contínua de atividades de inteligência e o mapeamento do espectro eletromagnético e das redes de computadores.[10] (suportado pela Prioridade de Modernização de Material do Exército: Army Network)

3) Desenvolvimento das capacidades de parceiros e aliados para derrotar a guerra não convencional e de informação cada vez mais sofisticada patrocinada por chineses e russos.

4) Preparação do ambiente operacional para a competição e para o conflito, por meio do conhecimento e de capacidades específicas para operação em áreas urbanas selecionadas de importância operacional ou estratégica.

5) Estabelecimento de uma logística precisa, que forneça uma capacidade de sustentação confiável, ágil e responsiva, necessária para apoiar a projeção rápida de força, as operações multidomínio e a garantir a manobra independente entre a Área de Suporte Estratégico a Área de Manobra Profunda. (suportado pelas Prioridades de Modernização de Material do Exército: Future Vertical Lift, Army Network)

6) Estabelecimento das autoridades e permissões necessárias, normalmente reservadas para conflitos ou para escalões mais altos, para operar na competição e fazer a transição rápida para o conflito de forma eficaz.

7) Melhoria da capacidade de conduzir operações multidomínio em terreno urbano denso, em todos os escalões, através do desenvolvimento de táticas e de capacidades para aumentar a precisão, velocidade e sincronização de efeitos letais e não letais. (suportado pelas Prioridades de Modernização de Material do Exército: *Long-Range Precision Fires, Next Generation Combat Vehicle, Army Network, Soldier Lethality*)

8) Estabelecimento de uma narrativa de informação crível dos EUA, por meio de ações multidomínio, que comunique com eficácia e combatem ameaças de reconhecimento, ataque, armas combinadas e capacidades de guerra não convencionais da China e da Rússia.

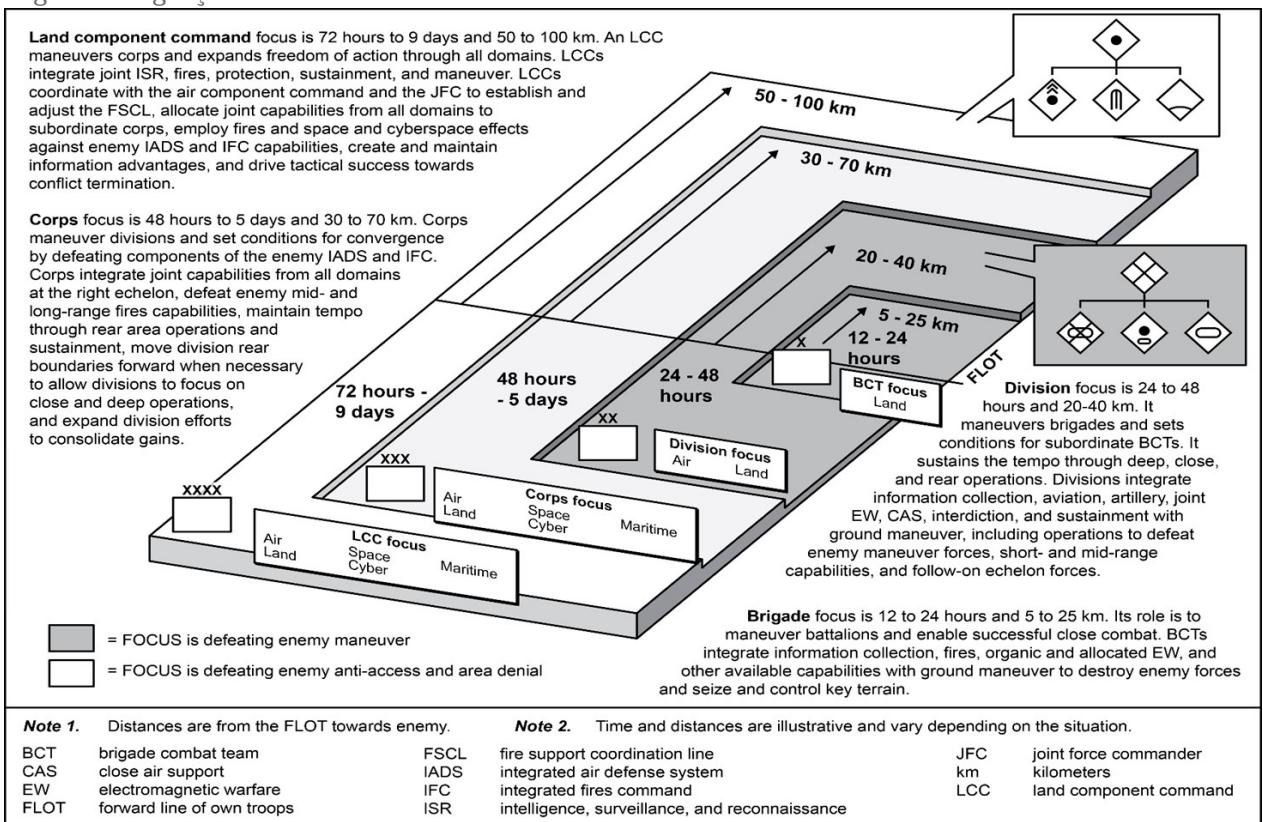
9) Desenvolvimento de capacidades que permitam que os comandantes e os estados-maiores de cada escalão visualizem e comandem a batalha no multidomínio, no espectro eletromagnético e no ambiente de informacional, convergindo capacidades orgânicas e externas em espaços decisivos. Isso requer novas ferramentas para convergir mais rapidamente as capacidades em toda a Força Conjunta, mudando os paradigmas de treinamento e mudando as práticas de gestão de pessoal e talentos. Isso também exige que as formações do Exército sejam treinadas, direcionadas e equipadas para possibilitar o uso de todas as informações disponíveis, de repositórios e bibliotecas nacionais, conjuntos, comerciais e da Força, ou diretamente obtidas de sensores, e de maneira dominante e com oportunidade. (suportado pelas Prioridades de Modernização de Material do Exército: *Army Network, Soldier Lethality, Synthetic Training Environment*)

10) Fornecimento ao Comandante da Força

Conjunta de estruturas e sistemas multidomínios que possam convergir capacidades para atacar vulnerabilidades específicas em forças e sistemas militares da China e da Rússia, desdobrados em vários domínios e com apoio mútuo. Isso significa criar comandantes e estados-maiores que tenham os meios e a habilidade de acessar e empregar capacidades que estão dispersas em toda a Força Conjunta. (suportado pelas Prioridades de Modernização de Material do Exército: *Long-Range Precision Fires, Next Generation Combat Vehicles, Future Vertical Lift, Soldier Lethality*)

11) Fornecimento ao Comandante da Força Conjunta estruturas multidomínio que tenham sistemas, comandantes e tropas que durem na ação, que possam operar em um ambiente operacional altamente contestado, que não possam ser facilmente isolados do resto da Força Conjunta ou de seus parceiros, e sejam capazes de conduzir manobras independentes e empregar fogos de multidomínio. Isso requer o desenvolvimento de sistemas e estruturas de sustentabilidade estendida, e de líderes e tropas que continuem a operar efetivamente em ambientes e condições austeras. (suportados pelas Prioridades de Modernização de Material do Exército: *Long-Range Precision Fires, Next*

Fig 6 – Integração dos escalões.



Fonte: FM 3-0 2022

Generation Combat Vehicles, Future Vertical Lift, Army Network, Air and Missile Defense, Soldier Lethality)

12) Consolidação dos ganhos por meio de demonstrações claras dos compromissos de segurança dos EUA com parceiros por meio de exercícios combinados, treinamento, troca de informações e outras atividades de presença.

13) Integração e complementação das capacidades terrestres, aéreas e marítimas com operações no espaço, ciberespaço e espaço eletromagnético para apoiar a abertura e exploração de janelas de superioridade que criem dilemas para o inimigo enquanto protegem a capacidade de conduzir operações em áreas degradadas e/ou ambientes operacionais isolados e/ou negados.

14) Atração, retenção e máximo emprego de soldados de alta capacitação, fisicamente aptos e mentalmente fortes, que tenham as habilidades e conhecimentos para conduzir operações multidomínio.

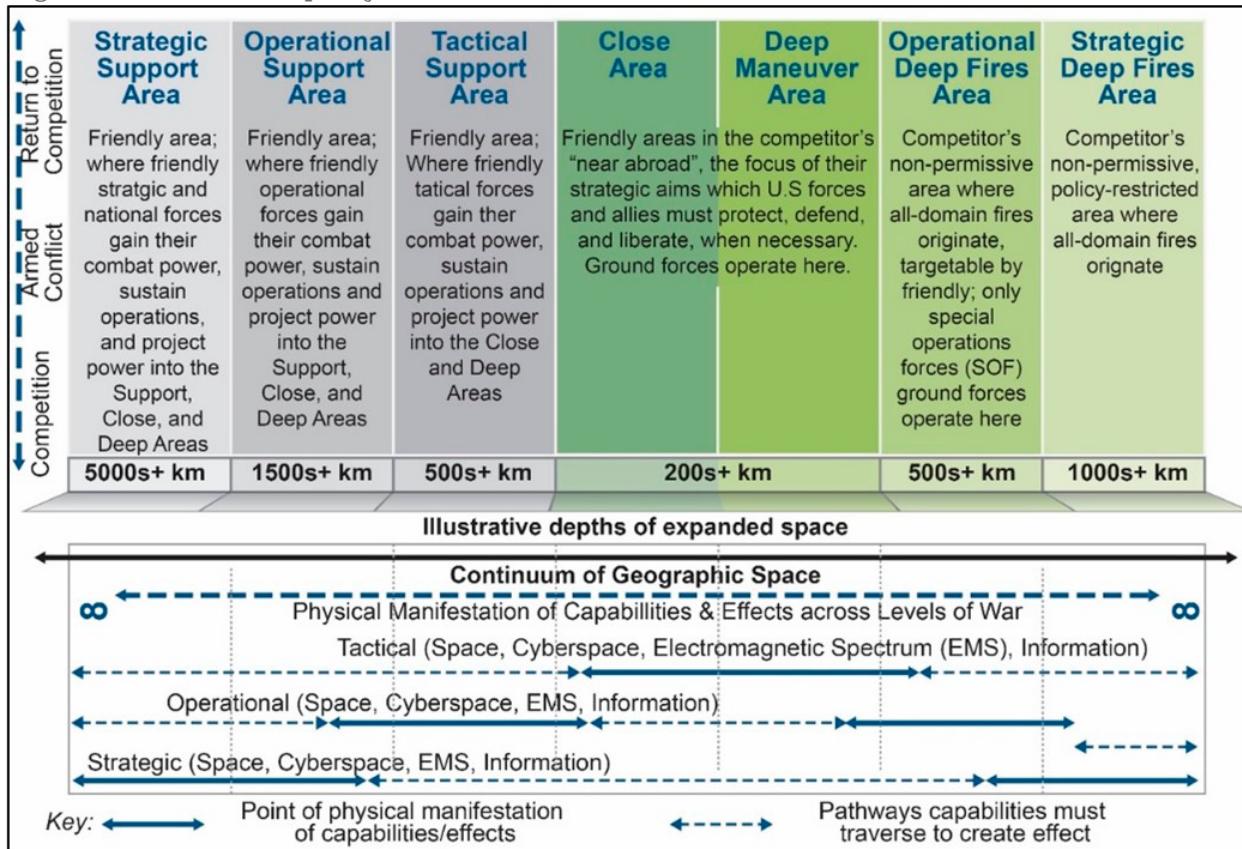
O sucesso em operações multidomínio exige que essas capacidades sejam suficientemente desenvolvidas, treinadas e praticadas dentro da Força Terrestre, com o restante da Força Conjunta e com aliados e parceiros.

ESTRUTURA DAS OPERAÇÕES MULTIDOMÍNIO (MDO)

O quadro com a estrutura da operações

multidomínio ilustra a amplitude de atividades, espaços, distâncias e inter-relações que essas devem considerar, dentro e entre os diversos espaços.

Fig 7 – Estrutura das Operações Multidomínio.

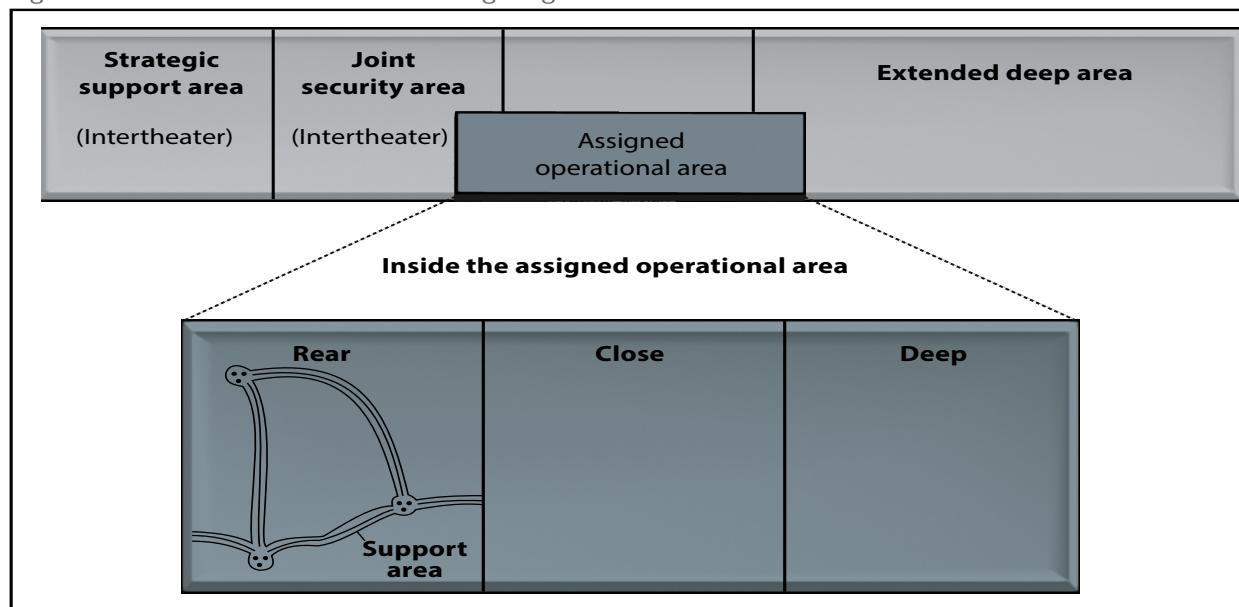


Fonte: TRADOC Pamphlet 525-3-1 2018

Apesar da representação linear, as áreas não são definidas por relações ou dimensões geográficas fixas, mas pelo contexto

operacional, a interação de capacidades amigas e inimigas, e pelo terreno. As áreas não são independentes.

Fig 8 – Estrutura em contexto estratégico global.



Fonte: FM 3-0 2022

FORÇA-TAREFA MULTIDOMÍNIO

a. Considerações gerais

Os comandos de Corpo de Exército e de Divisão serão os elementos capazes de integrar os fogos conjuntos, a inteligência e a manobra. A combinação desses comandos, aumentados pelas capacidades requeridas, fornecerão aos Comandos Regionais a capacidade da condução das Operações Conjuntas em todos os domínios (*Joint All-Domain Operations – JADO*). Dessa forma, o exército dos EUA passa a reestruturar-se tendo a Divisão como a unidade básica de combate.

O conceito atual de geração de forças considera que o Exército EUA é responsável pela obtenção do pessoal, capacitação, treinamento e equipagem das forças que serão entregues, em condições em emprego em combate, aos Comandos Regionais. A concepção das Forças-Tarefas Multidomínio (*Multi-domain Task Force, MDTF, na sigla em inglês*) quebra essa lógica. Cada MDTF será concebida e formada para operar, no escalão necessário, para atender às demandas requeridas pelos Comando Conjuntos Regionais. Assim, cada uma das MDTF será atribuída e alinhada ao Comando Regional, sendo moldada, instruída e adestrada de acordo com os requisitos específicos decorrentes do emprego de cada Comando.

Como peça organizacional central para a modernização, as MDTF são indutoras do processo de transformação do Exército dos EUA, sendo peças chave na experimentação do novo conceito operacional e da manobra multidomínio. As MDTF ajudam a Força Conjunta a desenvolver novas formas de guerra, induzindo a transformação do Departamento de Defesa na direção das JADO.

b. Missão

Como elementos de manobra em nível de teatro, as MDTF sincronizam efeitos de precisão e fogos de precisão em todos os domínios, contra redes de antiacesso e de negação de área (A2AD) adversárias em todos os domínios, permitindo que forças conjuntas executem suas funções de acordo com os Planos Operacionais. De forma geral, as MDTF permitem a liberdade de ação conjunta.

A missão principal da Força-Tarefa Multidomínio é:

1) na competição: ganhar tempo e manter contato com os adversários para apoiar a transição rápida para a crise ou conflito.

2) na crise: deter adversários e moldar o ambiente, fornecendo opções de resposta flexíveis para o Comando enquadrante.

3) No conflito: neutralizar o antiacesso à área de operações para permitir a liberdade de ação conjunta.

c. Organização

As MDTF serão moldadas de acordo com as necessidades de cada Comando Operacional. De uma maneira geral, essa Força Multidomínio estará enquadrada nos níveis operacionais e estratégicos e poderá ser composta por diferentes Unidades de Combate e Apoio ao Combate.

Como exemplo de composição da Força-Tarefa Multidomínio, podem ser enquadradas unidades de inteligência, informações, guerra eletrônica, cibernética e espacial. Também são previstas unidades de fogos estratégicos (mísseis e foguetes), defesa aérea e baterias de mísseis hipersônicos.

As MDTF são elementos de manobra multidomínio, integradas no nível de teatro de operações, que sincronizam efeitos de precisão de longo alcance (LRPE) — como guerra eletrônica, espaço, cibernética e informação — com fogos de precisão de em longo alcance (LRPF).

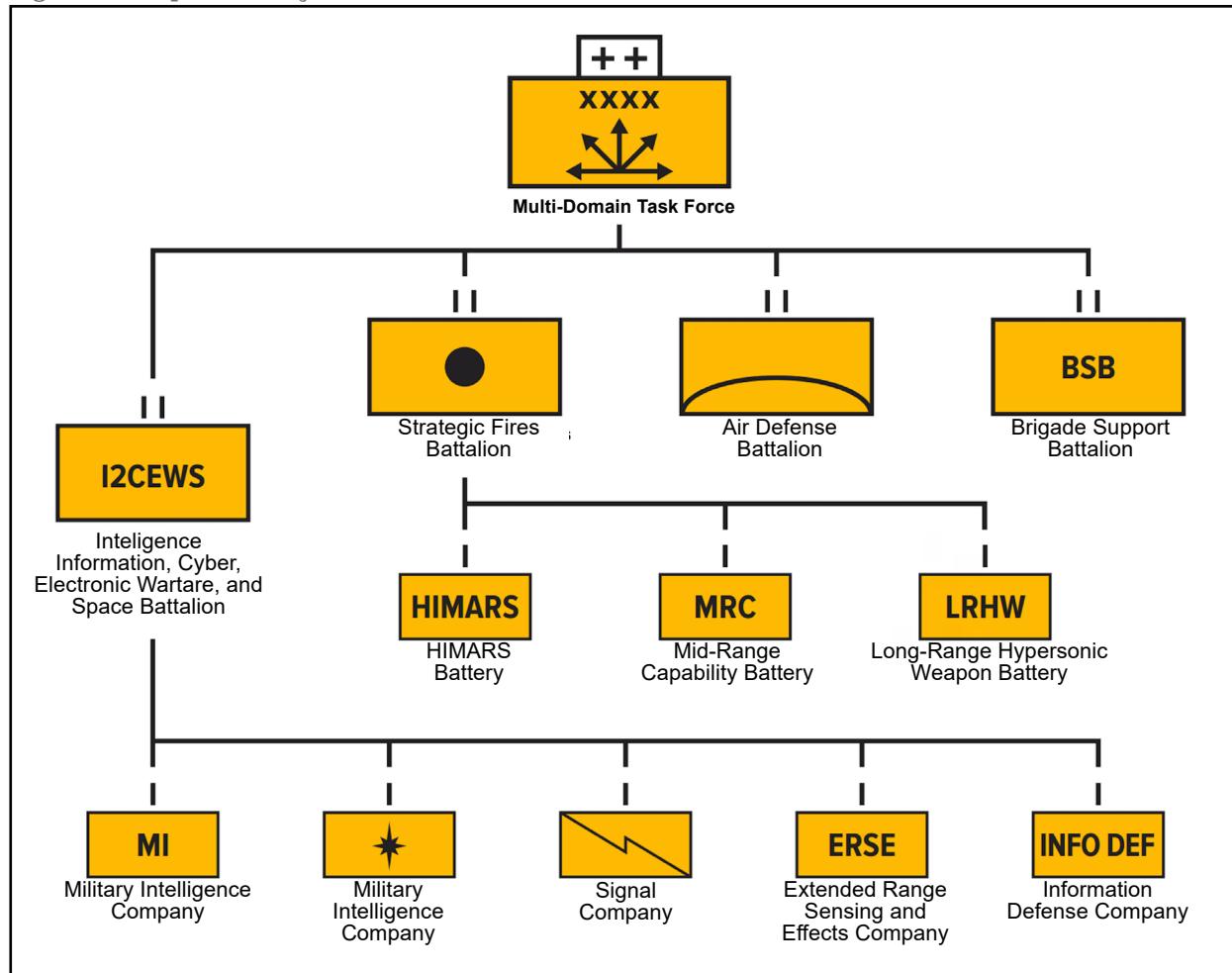
O papel dos MDTF é competir persistentemente para ganhar posições de vantagem que possa dar-lhe condições favoráveis em situação de crise ou conflito. Integrando ou não fogos cinéticos e não cinéticos em todos os domínios.

São fatores críticos para o sucesso das MDTF: a eficácia do comando de controle conjunto de total domínio (JADC2); a interoperabilidade das operações multidomínio com aliados; e o acesso às áreas e sistemas negados dos adversários.

d. Meios Empregados

Os principais meios a serem empregados pelas MDTF integram o esforço de transformação do Exército dos EUA. De acordo com os projetos que estão sendo conduzidos, visualiza-se a integração dos seguintes meios no horizonte temporal de 2030 e 2040:

Fig 9 – Exemplo de Força-Tarefa Multidomínio.



Fonte: Chief of Staff Paper #1 Army Multi-Domain Transformation Ready to Win in Competition and Conflict, March 16, 2021, p. 12.

1) movimento e manobra: veículos de combate da próxima geração com maior poder de fogo, velocidade e capacidade de sobrevivência, permitindo-lhes manobrar em posições vantajosas no campo de batalha e equipes com veículos robóticos.

2) fogos: fogos de precisão de longo alcance que permitem que forças de vários domínios penetrem e neutralizem as capacidades do inimigo de negação de área, ao mesmo tempo em que garantem a vantagem operacional em cada escalão.

3) futuras plataformas verticais: plataformas e tecnologias que aumentam a manobrabilidade, resistência, letalidade e capacidade de sobrevivência das aeronaves do Exército, aumentando seu alcance operacional e efetividade contra adversários.

4) nova da rede de comunicações e tecnologia da informação (TI) do Exército: é necessária para comandar e controlar forças distribuídas em um vasto terreno, para convergir efeitos de múltiplos domínios e manter a consciência situacional do Comando Conjunto.

5) defesa aérea e de mísseis: capacidades que irão defender o Comando Conjunto, Aliados e Parceiros contra ameaças aéreas e mísseis guiados ou não.

6) letalidade do combatente: melhorias aumentarão a capacidade dos combatentes em entender e reagir rapidamente a situações inesperadas, aumentando sua letalidade, precisão e sobrevivência.

Destacam-se ainda, desenvolvimentos em ciência e tecnologia nas seguintes áreas:

- a. energias disruptivas;
- b. materiais eletrônicos de radiofrequência;
- c. pesquisa quântica;
- d. voos hipersônicos;
- e. inteligência Artificial;
- f. autonomia;
- g. biologia sintética;
- h. material por design; e
- i. fabricação aditiva.

“ A doutrina de emprego do Exército dos EUA está em constante evolução. O conceito de Op Multidomínio caracteriza o emprego equilibrado da Força em contextos de competição, crise e conflito armado. A nova doutrina levará a uma profunda transformação do exército estadunidense a se iniciar já em 2023. ”

ESCALÕES DE EMPREGO NAS OPERAÇÕES EM MULTIDOMÍNIO

a. Considerações gerais

As estruturas básicas para emprego nas operações multidomínio permanecem as previamente organizadas. Os escalões do Exército permanecem, sendo o mais alto deles, o *Theater Army* (Exército de Teatro), em seguida, o Exército de Campanha, o Corpo de Exército, a Divisão de Exército, Brigada de Combate e Brigadas funcionais e multifuncionais (brigada de aviação, de artilharia de campanha, de sustentação,

de reforço de manobra, de assistência militar, brigada de artilharia antiaérea, de assuntos civis, de engenharia, de inteligência militar expedicionária, entre outras). Ressalta-se que a Divisão passou a ser a principal formação tática nas operações de combate em larga escala. As Brigadas de Combate permanecem classificadas em de infantaria, *stryker* e blindada.

b. Conceitos básicos

Geralmente, os escalões divisão e acima coordenam operações em larga escala e tarefas complexas ou politicamente sensíveis. Possuem o controle de meios escassos, como meios aéreos, espaciais, marítimos e cibercosmicos. Pela integração de capacidades em todos os domínios, molda o ambiente para criar e explorar vantagens relativas.

O comando do componente terrestre irá derrotar os fogos inimigos de longo e médio alcance, proverá sustentação logística de nível operacional e fornecerá capacidades conjuntas aos Corpos de Exército. Os Corpos de Exército, em formações táticas, irão derrotar os fogos inimigos de médio alcance, empregará capacidades conjuntas para apoiar as Divisões na manobra, e manterá o ritmo das operações por meio da sustentação logística e outras operações de retaguarda.

As Divisões destroem os fogos inimigos de curto alcance, em massa efeitos nos escalões inimigos avançados e sincroniza a manobra das brigadas no combate aproximado. As brigadas de combate conduzem operações aproximadas para derrotar e destruir forças inimigas em batalhas.

Além das organizações mais comuns, as brigadas funcionais e multifuncionais acrescentam capacidades para apoio às operações. Cita-se, como exemplo de brigadas funcionais, a brigada de assistência a forças de segurança (SFAB), de artilharia antiaérea, de assuntos civis, expedicionária de inteligência militar e de engenharia. Entre as brigadas

multifuncionais, cita-se as brigadas de aviação, de artilharia de campanha, de sustentação logística e de reforço à manobra.

c. Tendências atuais

O *Theater Army* (comandos conjuntos geográficos) – é o comando componente da Força Terrestre em uma área geográfica. Reúne capacidades nível teatro de operações, como inteligência, sustentação logística, comunicações, fogos, Op Info, assuntos civis, engenharia e saúde.

Compete ao *Theater Army*, executar os requisitos operacionais do comando combatente; controlar administrativamente as forças do Exército; definir e manter o teatro de operações; definir e apoiar as áreas de operações; conduzir o C2 das forças do Exército no teatro de operações; desempenhar funções conjuntas com abrangência e duração limitados; e planejar e coordenar a consolidação de vantagens em suporte às operações conjuntas.

Exército de campanha – pode ser composto de um batalhão de comando, número variado de corpos de exército, um comando de sustentação logística expedicionário e outras estruturas, de acordo com o adversário. Provê ao Exército, Forças Conjuntas e multinacionais variadas capacidades, modulares de acordo com a ameaça. Normalmente serão empregados onde o adversário pode conduzir operações de combate em larga escala.

Corpo de exército – é o escalão acima de brigada mais versátil, haja vista a capacidade de operar no nível tático e operacional. Suas tarefas incluem atuar como: maior formação tática em combate em larga escala, comandando duas a cinco divisões de exército; Força Terrestre junto de uma Força Conjunta, quando não há exército de campanha; Comando de Força-Tarefa Conjunta para enfrentamento de crise

e operações de contingência limitada; e comando componente de coalizão de forças terrestres comandando exército, fuzileiros navais e divisões multinacionais.

Divisão de exército – a divisão passou a ser a principal formação tática de combate para as operações de combate em larga escala. Sua organização é modular, mas tipicamente possui entre duas e cinco brigadas de combate, brigadas funcionais e multifuncionais e outras unidades menores. É o menor escalão que emprega capacidades em múltiplos domínios para atingir convergência no combate em larga escala.

Brigadas de combate – é a força de manobra de combate aproximado, a estrutura primária de armas combinadas. Manobra para destruir forças inimigas, conquistar e reter terreno, exercer pressão constante e suprimir a vontade de lutar do inimigo. Existem três tipos de brigada de combate: de infantaria (similar à Brigada de Infantaria Leve, do Exército Brasileiro), *stryker* (similar à Brigada de Infataria Mecanizada) e blindada (similar às Brigadas Blindadas).

d. Tendências futuras

O processo de modernização do EEUA elencou o ano de 2030 como marco temporal para entrega parcial de projetos de modernização e, assim, tornar-se um exército de capacidades multidomínio. Em torno do *Army 2030*, diversos programas estão em desenvolvimento, que implicam em mudanças em todo o DOAMEPI, incluindo aí, as estruturas para emprego nas operações multidomínio.

No escalão *Theater Army*, o reforço na célula G3/9 permitirá atuar com novas capacidades nos domínios cibernético e espacial, provendo superioridade informacional. A presença das brigadas de assistência a forças de segurança (SFAB) nos comandos geográficos está sendo bastante enfatizada, inferindo-se que deve continuar em crescimento.

As *Multi-Domain Task Force* também estão em franco desenvolvimento (foram abordadas em tópico específico). Entre outras estruturas, o *Theater Army* ainda empregará o *Theater Fires Command* (capaz de convergir fogos letais e não letais), *Theater Information Advantage Element* (com capacidades não letais que irão afetar o campo informacional), e o *Theater Strike Effects Group* (com capacidades espaciais, entre elas controle e planejamento do domínio espacial, plataformas de alta altitude e operações satelitais).

A SFAB é um tipo de brigada, criada em 2017, cuja missão básica é fornecer assistência militar a outras forças de segurança. Existem cinco SFAB no serviço ativo, uma por comando geográfico. Cumpre suas missões enviando equipes multifuncionais de especialistas, formadas conforme os objetivos estabelecidos em conjunto pelo EEUA e pela força de segurança a ser apoiada.

No escalão Corpo de Exército, está sendo criado o *Operacional Fires Command*, que integra e sincroniza os fogos letais e não letais do EEUA, comando conjunto e forças multinacionais.

Uma das grandes mudanças nas estruturas, é a mudança de brigada para divisões como elemento central das operações. Isso ocorrerá porque a Divisão de Exército possuirá as capacidades para operar em multidomínio. Entre as capacidades em desenvolvimento nas divisões, cita-se a artilharia divisionária, a brigada de aviação de combate, o regimento de cavalaria divisionário, o batalhão de engenharia, a brigada de sustentação logística divisionária, *Mobile Protected Firepower* (MPF, silga em inglês) (carro de combate leve – CC leve), a ser incorporado nas brigadas de combate, e batalhão de guerra eletrônica e inteligência.

Estão desenvolvendo o conceito de cinco tipos de divisão: *Joint Forcible Entry Division – Airborne* (capaz de

deslocamento e emprego estratégico de força motorizada); *Joint Forcible Entry Division – Air Assault* (força móvel estratégico-operacional capaz de realizar operações em ambientes complexos); *Standard Division Heavy*; *Standard Division Light* (ambas capazes de combater em operações multidomínio); e *Penetration Division* (divisão com maior poder de combate, para atuar em operações de combate em larga escala). Cabe ressaltar que, como ainda estão em desenvolvimento, as denominações, assim como todo o DOAMEPI está em constante evolução.

No nível brigada, há diferentes estudos com proposta de criação de novos tipos de brigada e de evolução das brigadas de combate existentes. De maneira abrangente, o fortalecimento das divisões tende a exigir que algumas estruturas das brigadas sejam transferidas para as divisões. Por exemplo, a recriação da cavalaria divisionária utilizará parte dos meios de cavalaria das brigadas. Há propostas de criação de brigadas de infantaria motorizadas, com maior mobilidade tática que as atuais brigadas de infantaria leve; e brigadas do ártico, especializadas em operações em baixas temperaturas e altas altitudes.

Além disso, no nível brigada e abaixo, a previsão de inserção de novas tecnologias irão influenciar na mudança de estruturas. Por exemplo, a incorporação do MPF (CC leve) nas brigadas de infantaria acarretará novas frações e trará evoluções em todo o DOAMEPI, assim com o uso de inteligência artificial e robótica em diferentes funções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Exército dos EUA está em constante evolução doutrinária. Em 1973, a Guerra Árabe-Israelense levou os líderes sêniores do Exército a reexaminar as lições aprendidas naquele conflito para combater a União Soviética. Esses

esforços resultaram no que é conhecido hoje como *Air-Land Battle*. Em 1991, o Exército e a Força Conjunta executaram essa doutrina com grande eficácia na Operação *Desert Storm*, libertando rapidamente o Kuwait.

Ocorre hoje um ponto de inflexão semelhante com as lições aprendidas vindas da 2^a Guerra de Nagorno-Karabakh e a atual Guerra Rússia-Ucrânia. Essas lições moldaram e continuam a moldar o modo de combater norte-americano levando ao conceito operacional de operações multidomínio que se solidifica em doutrina. Esse conceito está transformando o Exército e seu pessoal, a prontidão e os esforços de modernização para atender desafios atuais e futuros e definir o Exército dos EUA para 2030 e além.

O lançamento do manual FM 3-0 demonstra princípios de velocidade, alcance e convergência das tecnologias de ponta necessárias para alcançar domínio de decisão futura e superação contra seus adversários. Reflete o papel vital que o Exército desempenha como força que une os comandantes da força para manter o terreno crítico, garantir aliados e parceiros e derrotar os inimigos em qualquer lugar do mundo e consolidar ganhos para alcançar resultados estratégicos duradouros para a Nação.

Dois elementos críticos de operações multidomínio: capacidades espaciais e ciberespaciais, têm sido empregadas pelas forças do Exército por mais de duas décadas, mas pouco durante o conflito com oponentes capazes de contestar efetivamente a força conjunta dos EUA no espaço ou ciberspaço. O entendimento dos domínios aéreo e marítimo trazem capacidades que há muito permitem operações bem-sucedidas em terra, mas já se passaram décadas desde a integração ar-terra e estreita cooperação entre as forças terrestres e navais foram efetivamente desafiadas por uma ameaça.

A nova doutrina mantém os princípios da guerra e reforça a mentalidade ofensiva. Ela fornece uma definição simples de multidomínio em operações que se aplicam a todos os escalões. O novo modelo de ambiente operacional ajuda os líderes a visualizar os cinco domínios e compreender sua inter-relação por meio das dimensões física, informacional e humana. Os novos princípios e imperativos fornecem uma estrutura operacional que ajuda os escalões a organizar melhor as forças em termos de tempo, espaço e propósito.

O novo contexto estratégico classificado como competição, crise e conflito armado, clarifica como o exército dos EUA deve se comportar, seja posicionando tropas durante a competição a fim de obter vantagens, seja empregando todos os meios disponíveis durante a crise ou liderando a iniciativa das ações durante o conflito. A nova doutrina também aborda as considerações exclusivas para a aplicação do poder terrestre em ambientes marítimos e as demandas únicas e requisitos para liderança de combate.

O avanço da tecnologia está mudando a forma de combater. Pensando nisso, as operações multidomínio privilegiam a adoção de novas ferramentas como veículos de nova geração, artilharia de mísseis e foguetes, plataformas aéreas verticais, defesas contra vetores aéreos e espaciais, redes de TI integradas e seguras e domínio no ciberspaço, bem como melhorias na letalidade do soldado que são avanços que marcam a adoção dessa nova doutrina e sem o investimento necessários, podem torná-la impossível de ser adotada.

Por fim, as mudanças práticas para a organização para o combate do exército americano quando da adoção das operações multidomínio referem-se ao surgimento das Forças Tarefas Multidomínio, diretamente subordinadas aos Comandos Conjuntos com a missão

de facilitar a execução das operações, a adoção do escalão Exército de Teatro, maior escalão enquadrante da força terrestre no ambiente conjunto, o reforço dos Corpos de Exército, por exemplo, do reforço da

artilharia de mísseis e de células de combate, além do retorno do escalão Divisão como principal formação tática de combate para as operações de combate em larga escala, capaz de conduzir operações multidomínio.

REFERÊNCIAS

- ESTADOS UNIDOS, Departamento do Exército, ADP 1-01, *Doctrine Primer*, 2019.
- ESTADOS UNIDOS, Departamento do Exército, TRADOC Pamphlet 525-3-1, *The U.S. Army in Multi-Domain Operations 2028*.
- ESTADOS UNIDOS, Departamento do Exército, TRADOC, *The U.S. Army in Multi-Domain Operations 2028 Advance Summary*.
- ESTADOS UNIDOS, Departamento do Exército, U.S. Army, *2019 Army Modernization Strategy: Investing in the Future*, 2019.
- Headquarters, Department of the Army, *Army Multi-Domain Transformation - Ready to Win in Competition and Conflict*, Chief of Staff Paper #1, Unclassified Version, 2021.
- ESTADOS UNIDOS, Departamento do Exército, TRADOC Pamphlet 525-3-8 *U.S. Army Concept: Multi-Domain Combined Arms Operations at Echelons Above Brigade 2025-2045*.
- ESTADOS UNIDOS, Departamento do Exército, TRADOC Pamphlet 525-92, *The Operational Environment and the Changing Character of Warfare: Modernizing Adversaries*.
- ESTADOS UNIDOS, Departamento do Exército, AFC Pamphlet 71-20-1, *Army Futures Command Concept for Maneuver in Multi-Domain Operations 2028*.
- ESTADOS UNIDOS, National Defense Strategy 2022.
- ESTADOS UNIDOS, Departamento do Exército, *Army-Multi Domain Transformation: Ready to Win in ESTADOS UNIDOS, Departamento do Exército, Competition and Conflict*: Chief of Staff Paper #1, 16 March 2021, 8, <https://api.army.mil/e2/c/downloads/2021/03/23/eeac3d01/20210319-csa-paper-1-signed-print-version.pdf>.
- ESTADOS UNIDOS, Departamento do Exército, FM 3-0, *Operations*, 16 Out 22.
- ESTADOS UNIDOS, Departamento do Exército, TRADOC Pamphlet 525-3-1. *The U.S. Army in Multi-Domain Operations 2028*, 27 Nov 2018.
- ESTADOS UNIDOS, Congressional Research Service, "The Army's Multi-Domain Task Force (MDTF)," 29 Mar 2021, Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/IF/IF11797/2>. Acesso em: 16 Dez 2022.
- McEnany, Charles, *Multi-Domain Task Forces - A Glimpse at the Army of 2035*, ASSOCIATION OF THE UNITED STATES ARMY, 2021.
- TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M. "O Desafio da Dissuasão Convencional no Ambiente Multidomínio: Antiacesso e Negação de Área como Resposta". Análise Estratégica, v. 18 n. 4, 2020. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/CEEEAE/article/download/7011/6050>. Acesso em: 16 Dez 2022.
- TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M. "A Dissuasão Convencional, Antiacesso e Negação de Área: Subsídios para uma Estratégia Brasileira". Análise Estratégica, v. 21 n. 3, Jun/Ago 2021. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/CEEEAE/article/view/8491/7360>. Acesso em: 16 Dez 2022.
- YOURCHISIN, Damon M. *The All-Domain Protection Story*, Protection Magazine – professional Bulletin, v. 2022.

NOTAS

[1] Hiperativo significa mais ativo do que o habitual ou desejável; hipercompetitivos durante a competição e hiperviolentos em conflitos armados.

[2] Stand-off é o efeito estratégico e operacional que a Rússia e a China estão tentando alcançar. É alcançado com capacidades políticas e militares. É divisão/isolamento nos campos político, temporal, espacial e funcional que permite a liberdade de ação em algum, ou até mesmo todos, os domínios, no espectro eletromagnético e no ambiente informacional, para atingir objetivos estratégicos e/ou operacionais antes que um adversário possa responder adequadamente.

[3] Antiacesso é definido como a ação, atividade ou capacidade, geralmente de longo alcance, projetada para impedir que uma força inimiga entre em uma área operacional.

[4] Negação de área é definida como a ação, atividade ou capacidade, geralmente de curto alcance, projetada para limitar a liberdade de ação de uma força inimiga dentro de uma área operacional.

[5] Desintegrar refere-se a quebrar a sincronia e a coerência do sistema inimigo, destruindo ou

interrompendo seus subcomponentes (como meios de comando e controle, coleta de inteligência, nós críticos, etc.), degradando sua possibilidade de conduzir as operações e levando a um rápido colapso de suas capacidades operativas ou de sua vontade de lutar.

[6] A expansão do espaço competitivo é uma ideia-chave da Estratégia Nacional de Defesa dos EUA, de 2018, e é uma extensão lógica do Conceito Conjunto para a Campanha Integrada, de 2017. Ampliar o espaço competitivo refere-se a tomar ações para expandir as opções (diplomáticas, informacionais, militares, econômicas, etc.) pelas lideranças políticas, e estender a competição no tempo, ao mesmo tempo em que desencoraja a escalada para o conflito armado.

[7] O “*U.S. Army Functional Concept for Movement and Maneuver, 2020-2040*” define manobra multidomínio como “o emprego de capacidades letais e não letais de apoio mútuo, em vários domínios para gerar vantagem, apresentar múltiplos dilemas ao inimigo e permitir a liberdade de ação e movimento à Força Conjunta”.

[8] O “*U.S. Army Concept for Multi-Domain Combined Arms at Echelons Above Brigade, 2025-2045*” requer formações capazes de integrar, sincronizar e convergir todos os elementos do poder de combate, em todos os domínios, para executar manobras multidomínios; fornecer uma ligação essencial aos instrumentos expandidos do poder nacional; e operar com parceiros conjuntos, interagências e multinacionais para superar qualquer ameaça em qualquer ambiente futuro.

[9] A ideia de calibrar e/ou recalibrar a postura da força globalmente se alinha com a ideia de “formar forças operacionalmente coerentes”, conforme descrito no “*Joint Concept for Rapid Aggregation*”.

[10] O “Estabelecimento do TO” engloba as ações para estabelecer e manter as condições necessárias para a obtenção da iniciativa e a manutenção da liberdade de ação para um determinado TO. Essas ações também podem ocorrer fora do TO.

SOBRE O AUTOR

O Coronel de Infantaria Ewerton Santana Pereira é Oficial de Ligação do Exército Brasileiro junto ao Centro de Armas Combinadas do Exército dos EUA, no Fort Leavenworth, Kansas, Estados Unidos da América. Foi declarado Aspirante a Oficial pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 1996. É mestre em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO)-2004 e possui o curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME)-2016. Realizou o Curso de Operações na Selva – Cat B do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) em 2005 e o Curso de Estado-Maior Conjunto na Escola Superior de Guerra (ESG) em 2018. Comandou a Base de Administração e Apoio do Comando Militar do Planalto, sediada em Brasília-DF. Foi observador militar na Operação das Nações Unidas na Costa do Marfim em 2013, chefe do Serviço de Fiscalização de Produtos Controlados da 11ª RM e Of de EM do Comando Militar do Planalto (ewerton.santana@eb.mil.br).

MILITARES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A PRODUÇÃO DO ARTIGO

Gustavo Henrique Araújo Pereira Machado – Coronel, Oficial de Ligação junto ao Departamento de Doutrina e Instrução do Exército dos EUA; Gustavo Tiyodi Nakashima – Tenente-Coronel, Oficial de Ligação junto ao Centro de Excelência de Manobra do Exército dos EUA; Luiz Renato Laraia Pinheiro – Tenente-Coronel, Oficial de Ligação junto ao Centro de Excelência de Fogos do Exército dos EUA; Erelton Marcos Kosciureski – Tenente-Coronel, Oficial de Ligação junto ao Centro de Excelência de Apoio à Manobra do Exército dos EUA e Carlos Adriano Alves de Toledo – Major, Oficial de Ligação junto ao Centro de Excelência de Logística do Exército dos EUA.